

A HORA DA ESTRELA:

A Marginalidade e a Existência

THE HOUR OF THE STAR:

Marginality and Existence



Revista dos Cursos de Letras e do Programa
de Pós-graduação em Letras – Unifap

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 21/01/2026

Aprovação do trabalho: 11/09/2026

Publicação do trabalho: 13/10/2026

Abraão Alves de Assis  

abraaoalvessjp@gmail.com

Universidade Federal de Campina Grande

COMO CITAR

DE ASSIS, Abraão Alves. A HORA DA ESTRELA: A Marginalidade e a Existência. Revista Letras Escreve, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 30-37, 2026. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/letrasescreve/article/view/1326>.

Resumo

Esta resenha de *A Hora da Estrela*, última obra de Clarice Lispector, explora a complexidade literária e filosófica do romance, destacando a personagem Macabéa, uma jovem nordestina marginalizada que vive no Rio de Janeiro. A obra é analisada sob diversas perspectivas, incluindo a questão da marginalidade social e da invisibilidade, além de uma discussão sobre a técnica narrativa utilizada por Lispector, que se distancia das convenções tradicionais. O narrador, Rodrigo S.M., além de contar a história de Macabéa, também reflete sobre a própria escrita, tornando-se um elemento metanarrativo fundamental. A resenha também destaca a crítica sutil de Lispector à sociedade brasileira e sua abordagem única sobre a linguagem, que não busca clareza ou objetividade, mas explora a subjetividade e as lacunas da comunicação humana. A análise propõe que a obra não é apenas um retrato de uma personagem, mas uma reflexão profunda sobre identidade, existência e a própria função da literatura.

Palavras-chave: Clarice Lispector; A Hora da Estrela; marginalidade social; narrativa fragmentada.

Abstract:

This review of *A Hora da Estrela*, the final work by Clarice Lispector, explores the literary and philosophical complexity of the novel, highlighting the character Macabéa, a marginalized young woman from the Northeast living in Rio de Janeiro. The work is examined from multiple perspectives, including issues of social marginalization and invisibility, as well as a discussion of the narrative technique employed by Lispector, which deviates from traditional conventions. The narrator, Rodrigo S.M., not only tells Macabéa's story but also reflects on the act of writing itself, becoming a fundamental metanarrative element. The review also emphasizes Lispector's subtle critique of Brazilian society and her unique approach to language, which does not seek clarity or objectivity but explores subjectivity and the gaps in human communication. The analysis suggests that the work is not only a portrait of a character but a profound reflection on identity, existence, and the very function of literature.

Keywords: Clarice Lispector; The Hour of the Star; social marginalization; fragmented narrative.

Introdução

A Hora da Estrela (1977), última obra de Clarice Lispector, é mais do que um romance, é um testamento literário e uma reflexão profunda sobre a existência, a identidade, a solidão e a condição humana. Publicado pouco antes da morte de Lispector, o livro revela as inquietações existenciais de uma autora que, ao longo de sua carreira, sempre se preocupou com as questões mais íntimas e complexas da experiência humana. Esta obra não apenas encerra sua carreira literária, mas também funciona como uma meditação sobre o próprio ato de escrever, sobre a busca por significado e sobre a impossibilidade de representar a totalidade da vida humana.

Clarice Lispector, conhecida por sua escrita introspectiva e por seus personagens complexos, aborda em A Hora da Estrela temas que marcam sua obra, mas com uma perspectiva ainda mais aguda e, ao mesmo tempo, distanciada. O romance gira em torno de Macabéa, uma jovem nordestina que se muda para o Rio de Janeiro e leva uma vida marcada pela invisibilidade e pela opressão social. Ao contrário de outras personagens em busca de superação ou evolução, Macabéa se vê imersa em uma existência sem grandes acontecimentos, sem grandes aspirações, mas igualmente significativa por sua representação da vida de muitos brasileiros à margem da sociedade.

A obra é narrada por Rodrigo S.M., um narrador-personagem que, além de contar a história de Macabéa, reflete sobre sua incapacidade de fazer isso de maneira convencional. Esse aspecto, que coloca o narrador em um papel que mistura criador e observador, cria uma camada metanarrativa que questiona não apenas a história de Macabéa, mas também o próprio papel da literatura e da escrita na representação da realidade. Como observam críticos como Antonio Candido (1983) e Roberto Schwarz (1998), Lispector não apenas escreve sobre a vida de uma jovem pobre e invisível, mas também nos força a refletir sobre a própria construção da narrativa e da identidade.

A singularidade de A Hora da Estrela reside também na maneira como Lispector emprega a linguagem. Sua prosa, ao mesmo tempo sensível e crua, captura a alienação e o desamparo da protagonista, mas também reflete a fragilidade da comunicação humana e da própria capacidade de compreender o outro. A escrita não segue uma linha narrativa simples; ao contrário, a fragmentação da história de Macabéa, tanto em termos de conteúdo quanto de forma, espelha a falta de coesão na vida da protagonista, que se vê deslocada e sem sentido em um mundo que não a reconhece.

Em termos de contexto histórico, A Hora da Estrela foi publicada no final dos anos 1970, um período de transição no Brasil, marcado pela lenta abertura política após o regime militar. Embora o livro não se proponha a ser um comentário direto sobre o regime ou sobre as questões políticas da época, a invisibilidade e a marginalização da personagem refletem as tensões sociais do Brasil pós-ditadura. Para Lispector, a questão da marginalidade vai além de uma condição econômica ou social, mas é também uma questão de representação e identidade. A partir da figura de Macabéa, a autora questiona como as vozes dos marginalizados são silenciadas e como a literatura, com sua capacidade única de dar visibilidade ao invisível, pode reverter esse processo de exclusão.

Em muitos aspectos, A Hora da Estrela é uma reflexão sobre o ato de escrever e o que significa

criar uma história. Para Clarice Lispector, a literatura não é apenas uma forma de contar o que acontece com as personagens, mas um espaço para explorar a subjetividade, os sentimentos e as angústias do ser humano. A obra está em constante diálogo com o leitor, incitando questionamentos sobre o papel da narrativa, da linguagem e do próprio autor na construção de significados.

A obra também se destaca por sua crítica velada à sociedade brasileira, suas desigualdades e sua incapacidade de lidar com a diversidade de experiências humanas. A vida de Macabéa, embora aparentemente simples, se torna um espelho de uma sociedade que marginaliza, ignora e esconde as experiências daqueles que estão à margem. É precisamente essa invisibilidade social que Lispector traz à tona com maestria, utilizando sua escrita como um ato de resistência literária.

Portanto, *A Hora da Estrela* não é apenas a história de uma jovem nordestina em busca de uma vida melhor no Rio de Janeiro, mas é também um exame das condições de visibilidade e invisibilidade na literatura e na sociedade. Através da construção de uma personagem que vive uma vida sem grandes acontecimentos, mas marcada por profundas questões existenciais, Lispector não só oferece uma crítica social, mas também nos convida a repensar o papel da literatura na representação das vozes que permanecem à margem da narrativa oficial. Através desta obra, Clarice Lispector reafirma sua posição como uma das escritoras mais importantes e inovadoras da literatura brasileira, cujas reflexões sobre identidade, linguagem e marginalidade continuam a ressoar de forma impactante até os dias de hoje.

1 Contextualização da Obra

Clarice Lispector, com sua vasta produção literária, sempre desafiou os padrões da literatura brasileira. *A Hora da Estrela* foi escrito em um contexto de transição, no qual as feridas da ditadura militar ainda estavam frescas e o Brasil vivia um período de redemocratização. A autora, que sempre se viu à parte do mainstream literário brasileiro, utilizou-se dessa obra para refletir sobre a literatura em si e sobre a própria condição humana.

Para Roberto Schwarz (1998), a obra de Lispector não apenas dismantela as convenções narrativas, mas também aborda questões sociais e políticas de forma implícita. Em vez de oferecer uma representação direta da sociedade brasileira, Lispector utiliza a figura de Macabéa para questionar as construções sociais de identidade e pertencimento. A marginalização da personagem, longe de ser uma mera circunstância, é, como argumenta o crítico, uma reflexão sobre a própria estrutura da sociedade e da literatura, ambos impermeáveis a vozes como a de Macabéa.

Segundo Silviano Santiago (1992), Lispector nunca foi uma escritora de "caráter social" de maneira convencional. Sua escrita não visa a retratar as classes baixas de forma romântica ou simplificada. Pelo contrário, ela revela a complexidade de suas existências, sem buscar um "final feliz". O que Lispector faz é colocar esses sujeitos à vista, mas sem buscar um juízo moral, o que torna *A Hora da Estrela* uma obra que questiona não apenas a literatura, mas também as convenções de justiça e visibilidade social.

2 Estrutura Narrativa e Voz do Narrador

A estrutura de *A Hora da Estrela* é um dos aspectos mais inovadores e complexos da obra. O narrador, Rodrigo S.M., é um escritor que se vê incapaz de contar a história de Macabéa de forma convencional. Ele começa a narrativa com a seguinte confissão: "Eu não sei o que contar sobre Macabéa." Essa autocrítica à narrativa é um elemento central da obra, pois o próprio narrador se vê como um sujeito falho, incapaz de contar a história de maneira completa e satisfatória.

Lúcia Santaella (2001) argumenta que essa estrutura fragmentada reflete a própria condição de Macabéa. O romance não é linear, mas sim uma série de momentos desconexos, refletindo a falta de continuidade e de sentido na vida da personagem. Essa forma de narrativa, que constantemente se desvia do foco principal, provoca uma sensação de desorientação no leitor, que, por sua vez, é confrontado com a falta de um ponto de referência claro — algo que, para Lispector, é uma metáfora da vida marginalizada.

Wilson Martins (1970) discute como a presença do narrador que duvida de sua capacidade de contar a história, e que constantemente se interrompe, cria um tipo de "fissura" na narrativa. Essa fissura é o ponto de tensão que leva o leitor a refletir sobre a própria natureza da narrativa. O narrador, como um personagem que também se vê à margem da história, é uma metáfora da própria fragilidade da condição humana.

Além disso, o narrador de Rodrigo S.M. tem a função de apresentar a distância entre a própria história e a verdade que ele tenta captar. Segundo Bakhtin (1981), essa abordagem gera uma espécie de "diálogo" com o leitor, pois a verdade da história nunca é totalmente revelada, mas é construída a partir das lacunas e ausências da narrativa.

3 Personagem e Identidade: Macabéa

Macabéa, como uma personagem, é simultaneamente simples e profunda. Sua vida é marcada pela invisibilidade, e ela vive uma existência sem grandes aspirações ou desejos, o que paradoxalmente a torna uma figura de extrema complexidade. Segundo Afrânio Coutinho (1971), Macabéa é uma personagem que não possui identidade própria, mas que, ao mesmo tempo, reflete as condições de invisibilidade social a que está sujeita. Ela não tem a percepção clara de sua marginalidade, o que a torna ainda mais trágica.

A personagem é construída a partir da ausência: ela é uma jovem sem história, sem sonhos, sem grande voz ou opinião. Paulo Rónai (1975) observa que Lispector usa Macabéa como uma crítica à maneira como a literatura e a sociedade tendem a ignorar as figuras que ocupam as margens. Sua vida, embora não se encaixe nos padrões tradicionais da narrativa de "superação", é, na verdade, uma crítica ao próprio conceito de heroísmo.

Mikhail Bakhtin (1981) argumenta que a marginalidade de Macabéa não se dá apenas em termos sociais, mas também em termos linguísticos e existenciais. Ela não pertence à grande

narrativa social, mas sua voz, apesar de silenciosa, reverbera ao questionar a própria natureza do "ser alguém". A ausência de Macabéa no campo da narrativa convencional faz dela uma metáfora da invisibilidade social que caracteriza os marginais em todas as sociedades.

4 Temas Centrais

4.1 Desigualdade e Marginalidade

A Hora da Estrela é uma obra que fala diretamente sobre a desigualdade social, não apenas no aspecto econômico, mas também no que diz respeito à identidade e à representação. A pobreza de Macabéa não é um simples detalhe de sua vida; ela é o centro de sua existência e a forma como ela é vista ou não pela sociedade. Roberto Schwarz (1998) argumenta que a obra expõe a "falta de lugar" de Macabéa, tanto no mundo social quanto na literatura. Ela não tem espaço nem visibilidade, o que a torna a metáfora perfeita para a marginalidade social no Brasil.

Lispector, como nos aponta Afrânio Coutinho (1971), não oferece uma solução para os problemas de Macabéa. Ao contrário, ela expõe a cruel realidade de que a desigualdade social não é resolvível por meios fáceis ou imediatos. A obra, então, se torna um campo de reflexão sobre como as sociedades tratam as figuras marginalizadas.

4.2 Linguagem e Subjetividade

A linguagem em A Hora da Estrela não é apenas um veículo de comunicação; ela é a própria experiência de Macabéa. A autora se utiliza da linguagem para explorar a subjetividade de sua personagem de maneira profunda e desconcertante. Segundo Roland Barthes (1977), a linguagem é sempre uma construção, uma forma de representação que nunca chega a capturar a totalidade do que ela pretende representar. Em A Hora da Estrela, Lispector leva essa ideia a um nível extremo, ao criar uma narrativa que se fragmenta e se dilui, refletindo a falta de coerência interna da própria personagem.

Essa escrita que se desvia constantemente do ponto central da narrativa é uma maneira de ilustrar a perda de identidade de Macabéa. Ela não é uma personagem que se entende ou que é entendida, e isso se reflete na forma como sua história é contada.

5 Estilo e Técnica Literária

A técnica de Clarice Lispector em A Hora da Estrela é uma das mais sofisticadas e inovadoras de sua carreira. Ao invés de utilizar uma estrutura narrativa tradicional, a autora opta por uma abordagem que constantemente questiona o próprio ato de contar histórias. Lúcia Santaella (2001) argumenta que essa forma desconcertante de escrever é uma maneira de comunicar a confusão e a

fragmentação da própria vida de Macabéa.

A escolha de Lispector de se afastar das convenções literárias e adotar uma linguagem mais introspectiva e de fluxo de consciência é uma maneira de forçar o leitor a refletir sobre o que está sendo contado e como isso é contado. A autora faz uma crítica direta à literatura tradicional, que tende a impor uma narrativa coesa e com sentido claro. Para Lispector, a verdadeira realidade de Macabéa é impossível de ser representada por uma narrativa convencional.

Conclusão

A Hora da Estrela de Clarice Lispector não é apenas um romance; é uma obra de profunda reflexão existencial e uma crítica incisiva à sociedade brasileira e à literatura em si. O fechamento do ciclo literário de Lispector com essa obra não poderia ser mais emblemático, pois ela utiliza as margens da sociedade e da própria linguagem para desconstruir as convenções que moldam a narrativa e a identidade. Por meio da personagem Macabéa, Lispector nos confronta com a invisibilidade social e com a ideia de que muitos seres humanos, em suas lutas diárias, permanecem fora do alcance das grandes narrativas sociais, políticas e literárias.

Clarice Lispector, ao invés de construir uma narrativa de ascensão ou de superação, cria uma história de resistência silenciosa, onde a personagem está ausente tanto nas representações tradicionais quanto na compreensão do próprio eu. O ato de contar a história de Macabéa, sob a ótica do narrador Rodrigo S.M., é simultaneamente uma tentativa de dar voz àquela que não tem voz, e uma demonstração das limitações da escrita e da própria humanidade. Como argumenta Lúcia Santaella (2001), a escritora se utiliza de uma técnica que mistura o fluxo de consciência com a fragmentação narrativa, fazendo com que o leitor questione a própria natureza da leitura e do entendimento.

Em um nível social e filosófico, a obra oferece uma crítica aguda à desigualdade e à marginalidade, ressaltando como esses fatores não apenas afetam a vida das pessoas, mas também como elas são representadas ou deixadas de fora das narrativas predominantes. Macabéa é a personificação do esquecimento, da solidão e do anseio por pertencimento em um mundo que não se importa. O olhar atento de Roberto Schwarz (1998) sobre a marginalização das personagens em Lispector se reflete intensamente em A Hora da Estrela, pois a história de Macabéa não é apenas uma história individual, mas uma história de todos aqueles que, como ela, não têm espaço nas grandes construções sociais.

Lispector também propõe uma reflexão sobre a própria literatura, sobre sua capacidade de representar, de traduzir a realidade e de dar forma ao intangível. Ao fazer isso, ela quebra com as convenções de uma narrativa linear e estruturada, desafiando o leitor a não buscar respostas fáceis ou conclusões rápidas, mas a confrontar as questões existenciais profundas que permeiam o ser humano. Segundo Roberto Rônai (1975), Lispector reinventa a narrativa, retirando do romance a necessidade de um fechamento tradicional, e deixando o leitor em um estado de reflexão constante.

A figura do narrador-personagem, Rodrigo S.M., e sua incapacidade de contar a história de forma completa, torna-se uma metáfora poderosa para a própria limitação humana e para a fragilidade do processo de comunicação e entendimento. A narrativa fragmentada reflete a perda de unidade de Macabéa e, ao mesmo tempo, a perda de unidade do próprio ser, que nunca consegue se entender completamente dentro das construções sociais, linguísticas ou individuais. Como afirmam Mikhail Bakhtin (1981) e Lúcia Santaella (2001), a multiplicidade de vozes dentro da obra e a falta de uma resolução definitiva geram um campo de interpretação que nunca chega a uma resposta única, o que torna a obra universal e atemporal.

Outro ponto crucial na obra de Lispector é a questão da linguagem. A autora usa a linguagem não apenas para comunicar, mas para construir a experiência da personagem e, ao mesmo tempo, expor as limitações dessa mesma linguagem. Em vez de buscar uma clareza que se aproxime da transparência, Lispector utiliza a linguagem de forma a criar uma poética que torna visíveis as lacunas e as falhas do sistema narrativo. Segundo Roland Barthes (1977), a literatura é uma construção que busca representar o irrepresentável, e Lispector faz isso de maneira magistral em *A Hora da Estrela*. A escrita se torna, assim, não apenas um meio de contar a história de Macabéa, mas também uma meditação sobre o próprio ato de escrever e sobre a natureza da linguagem.

A obra também se destaca por sua crítica social, que não é explícita ou propagandística, mas que emerge lentamente, na forma da vida cotidiana da personagem. A invisibilidade de Macabéa não é um detalhe de sua vida, mas o centro de sua existência, e é a partir dessa invisibilidade que Lispector constrói um comentário poderoso sobre a sociedade brasileira e sobre a condição humana. Para Antonio Candido (1983), Lispector, com sua habilidade única de evocar emoções e inquietações, consegue, de maneira sutil, criar uma crítica não apenas à pobreza, mas à indiferença das instituições e da própria sociedade que esquece aqueles que estão à margem.

Por fim, *A Hora da Estrela* é uma obra que vai além da literatura, tocando em questões filosóficas, sociais e existenciais de forma profunda e provocadora. Lispector, ao apresentar uma narrativa sem resolução, sem soluções fáceis, força o leitor a se confrontar com a própria condição humana. O que fica ao final é a sensação de que a literatura, em sua forma mais pura, é capaz de nos fazer enxergar o invisível, ouvir o inaudível e sentir o que muitas vezes não é dito. *A Hora da Estrela* não apenas conclui a trajetória literária de Clarice Lispector, mas também abre um campo de reflexão que permanece relevante e impactante, tornando-se um dos maiores legados da literatura brasileira.

Referências

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas: o romance no Brasil de 1930**. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1998.

SANTIAGO, Silviano. **Sobre Clarice Lispector**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SANTAELLA, Lúcia. **O leitor no texto**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

MARTINS, Wilson. **História da inteligência brasileira**. São Paulo: Editora 34, 1970.

RÔNAI, Paulo. **O livro de bolso da literatura brasileira**. 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1975.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Livros Técnicos e Científicos, 1971.

PRADO, Décio de Almeida. **Estruturalismo e literatura**. São Paulo: Cultrix, 1984.